

Brasileiro nunca esteve tão preocupado com gasto com comida

Sondagem do Mercado de Trabalho da FGV mostra que 81,9% mencionam a questão

Por **Alessandra Saraiva** — Do Rio
06/10/2026 05h00 · Atualizado há 2 horas

A preocupação do trabalhador com gastos com alimentação bateu recorde em agosto, na ótica da Sondagem do Mercado de Trabalho da Fundação Getulio Vargas (FGV), conforme recorte exclusivo da pesquisa feito para o **Valor**. No estudo, quando questionados quais despesas mais impactaram seu orçamento, as famílias citaram principalmente a compra de alimentos, mencionada por 81,9% dos entrevistados - maior parcela para essa resposta desde junho de 2025, início da série da pesquisa.

O universo do recorte abrange média móvel trimestral, de junho a agosto, com 6 mil respondentes, nas 27 unidades de federação.

No levantamento, também foi feita a separação das respostas por faixas de renda. As famílias com ganhos mensais de até dois salários mínimos foram as que mais mencionaram as despesas de alimentação. Nessa faixa de renda, esse tópico foi citado como principal impacto no orçamento por 87% dos entrevistados em agosto.

O cenário não foi causado pela disparada recente de preços dos alimentos, explica Rodolpho Tobler, autor do recorte. A situação reflete ambiente em que a renda das famílias originada do trabalho está andando de lado, diz. Isso faz com que itens essenciais, como alimentos, pesem mais no orçamento. “A renda já não está subindo tanto”, afirma. “Mas, se o preço da comida está subindo bem pouco, a renda não está subindo nada. Isso causa aperto no orçamento dessas pessoas.”

Tobler se refere ao dado mais recente da Pnad Contínua, do IBGE: no trimestre encerrado em agosto, a renda real de todos os trabalhos ficou estável ante os três meses anteriores.

Sobre a preocupação maior dos trabalhadores de baixa renda em relação aos gastos com alimentos, o economista pondera que o comprometimento de renda com esse tipo de gasto é maior nessa faixa de renda. Estudos da FGV apontam que os mais pobres comprometem entre 22% e 25% da despesa mensal com comida - enquanto nas faixas de renda mais elevadas essa fatia gira entre 18% e 20%. Famílias com menor poder aquisitivo muitas vezes já consomem alimentos no nível mais baixo de preço da categoria. Então falta espaço para trocar de marca quando o orçamento está mais apertado, afirma.

Tobler não descarta que a preocupação com gastos alimentícios continue a subir na Sondagem do Mercado de Trabalho. Há muitos fatores nos próximos meses que podem contribuir para elevar preços no setor.

Matheus Ferreira, analista de inflação da Tendências Consultoria, concorda. Para ele, a atual acomodação de preços em alimentação é sustentada por sazonalidade favorável, oferta ampla de grãos e carne, além de câmbio relativamente comportado desde 2025. Porém esse quadro pode mudar com efeitos mais nítidos a partir deste mês. Uma das causas da mudança seria o El Niño forte previsto para este ano.

“

Se o preço da comida está subindo bem pouco, a renda não está subindo nada”

— Rodolpho Tobler

Ferreira projeta que a variação de preços de Alimentação e Bebidas dentro do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), indicador oficial de inflação do país, termine 2026 com alta de 6,7%. No ano passado o item encerrou em 2,95%.

“Já temos observado algumas pressões sobre algumas commodities agrícolas. Isso tende a ser repassado para o varejo nas próximas semanas”, alerta Ferreira.

Entidades ligadas à agricultura já notaram os mesmos sinais, como a Associação Pró-Desenvolvimento Industrial do Estado de Goiás (Adial).

O Estado é o quinto com maior valor da produção agrícola do país, segundo a Produção Agrícola Municipal (PAM), do IBGE. “Minha previsão é de aceleração de preços dos alimentos nos próximos meses”, afirmou Edwal Portilho, presidente da Adial.

“A Conab [Companhia Nacional de Abastecimento, do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar] estima safra recorde de grãos, puxada principalmente por soja e milho, mas algumas culturas importantes para a alimentação doméstica apresentam redução de produção, como arroz, feijão, e trigo”, afirma.

Mario Leonetti, sócio-fundador da Private Investimentos, comenta que produtos in natura são particularmente sensíveis a mudanças bruscas no clima. Perdas na produção ou dificuldades na colheita nesse segmento chegam mais rapidamente aos preços. “A alta do tomate, por exemplo, é um sinal de atenção, embora um produto isolado não determine a trajetória de toda a cesta”, afirma.

No IPCA-15, prévia do IPCA de setembro veiculada na semana passada, o preço do tomate subiu 20,76%. “Se as condições climáticas adversas persistirem e atingirem outras culturas, a pressão poderá se espalhar ao longo do quarto trimestre”, comenta.

Braz Neto, gestor da Planalto Capital, lembra de outro fator que pode afetar preço final de alimentos: o atual momento do diesel mais caro. Praticamente toda a comida consumida por brasileiros é transportada por caminhões e, quando o combustível fica mais caro, o preço do frete sobe, com repasse para preço final. “No agro como um todo, o diesel pesa duas vezes: no frete até o consumidor e no custo de produção, justamente em plena janela de plantio”, diz. “O grande temor sempre é quebras no abastecimento, a falta do produto na ponta, mas o impacto no custo acontece e mais cedo ou mais tarde é repassado em boa medida na cadeia”, alerta.